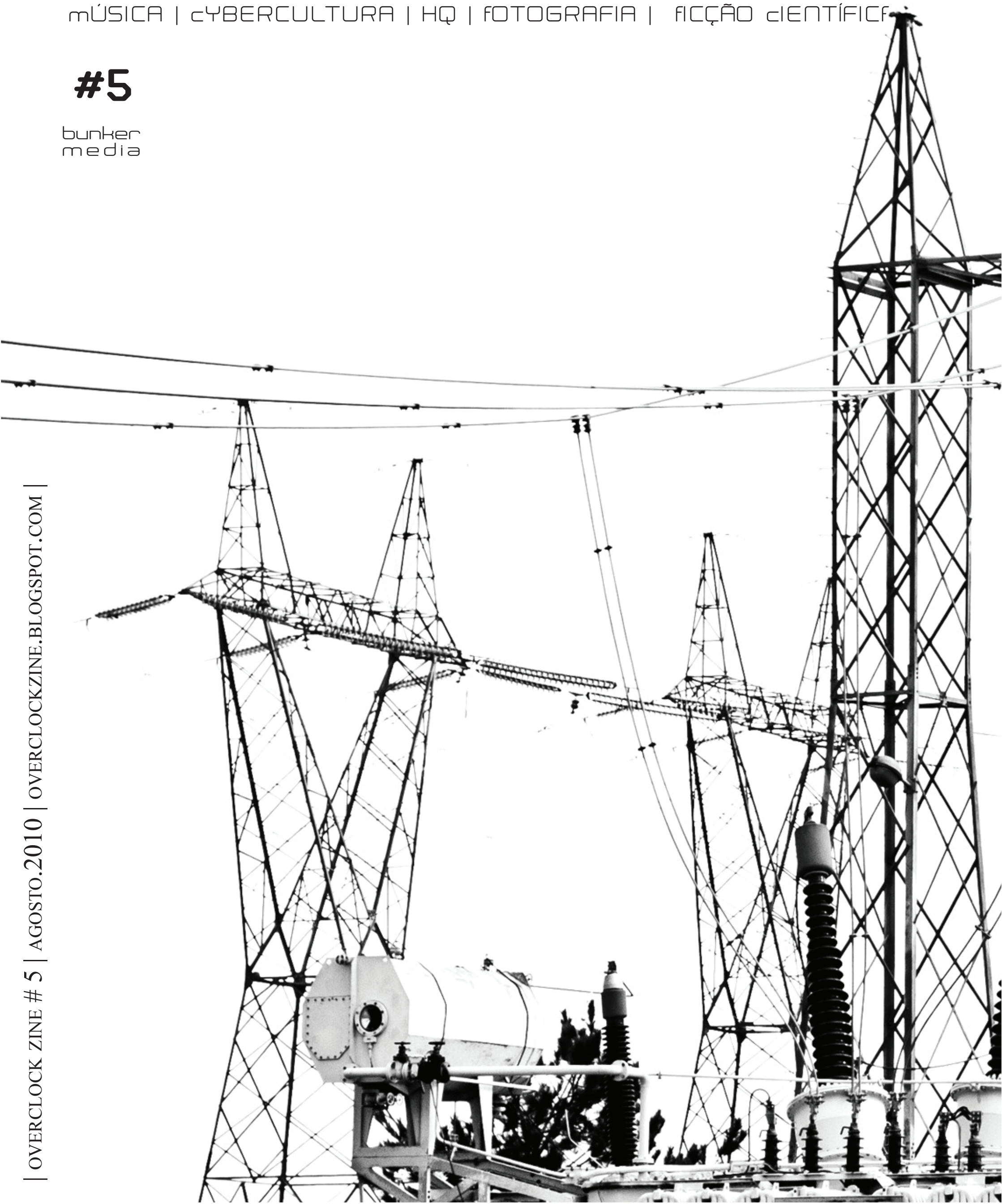
:\OVERCLOCK>

MÚSICA | CYBERCULTURA | HQ | FOTOGRAFIA | FICÇÃO CIENTÍFICA

#5

bunker media



| OVERCLOCK ZINE # 5 | AGOSTO.2010 | OVERCLOCKZINE.BLOGSPOT.COM |

:\EDITORIAL>

Com sua costumeira e infalível aperiodicidade o OVERCLOCK ZINE está de volta. Como na edição passada, o gatilho que iniciou a reação em cadeia que culminou em mais uma edição do zine foi o evento INVISIBILIDADES.

Promovido bienalmente pelo Itaú Cultural, o INVISIBILIDADES chega a sua terceira edição e segue debatendo a produção de ficção científica na literatura e nas artes brasileiras.

Apesar da climatização, o auditório do Itaú Cultural ferve com a reunião de pesquisadores, escritores, editores, artistas plásticos, músicos, jornalistas e entusiastas. Foi neste solo fértil que lançamos a semente transgênica do Overclock Zine #5.

As valiosas colaborações que constroem esta edição incluem um conto de Richard Kadrey inédito em português e traduzido por Fábio Fernandes, que além da curadoria do INVISIBILIDADES tem em seu currículo o romance Os Dias da Peste e as traduções dos clássicos Neuromancer e Laranja Mecânica e dos quadrinhos Y - O Último Homem, entre outros.

Na ficção publicamos ainda um conto de Romeu Martins e o *pornopunk* de Dionea Sig Sauer.

Resgatamos mais uma vez conteúdo do zine CHEAP TRUTH, editado no início dos anos 1990 por Bruce Sterling. Depois da “entrevista” com H.P. Lovecraft na edição passada, Sterling invoca Raymond Chandler do além para um bate papo. A tradução é de Rodolfo Londero que também assina a entrevista a Fausto Fawcett.

A banda pós-punk alemã Die Art aparece entrevistada por Wagner e Célia do casal/banda MetroidE. Apesar da colaboração, a Metroide não escapa de um puxão de orelhas na coluna RADAR.

Renato Z, Jack Holmer e Alexandre Mandarino completam o time de colaboradores.

Sem a pressão do imediatismo e da factualidade imposta aos periódicos tradicionais ou aos blogs, nos damos ao direito de compilar e publicar material empoeirado e enferrujado, mas que ainda pode reluzir após um breve polimento.

Esperamos que os olhos do leitor enxerguem sobre a densa camada oxidada e possam vislumbrar um pouco desse brilho que só o romantismo anacrônico de um zine impresso em papel pode trazer.

Seja como for, seguiremos polindo.

Nos vemos no próximo número ou a qualquer momento no

http://overclockzine.blogspot.com.

---

visões perigosas

bunker media



bunkermedia estúdio fotográfico.
www.bunkermedia.com.br

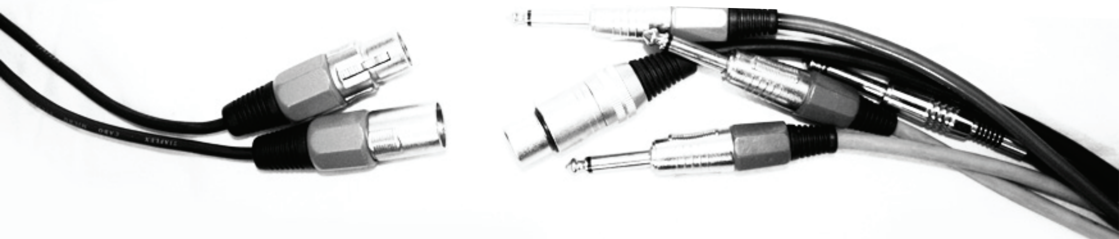
CYBER NUDE. | photo: wandeclayt m. | www.bunkermedia.com.br



photo: wandeclayt m. | www.bunkermedia.com.br

HYPERPULP

Alexandre Mandarino



Continuar separando a "alta literatura" da "literatura de gênero" seria apenas fazer gênero? As diversas formas de storytelling atuais parecem demonstrar que sim. Livros, filmes e séries de TV, veículos considerados mainstream, estão imersos em referências à cultura underground e aos segmentos pop mais geeky como os games, os quadrinhos e a FC. É com o objetivo de misturar as referências literárias e artísticas mais tradicionais e mais underground que surge a revista Hyperpulp. Com estréia marcada para outubro, esta antologia/e-zine/manifesto em andamento será trimestral e publicará contos de FC, fantasia, horror, crime, mistério, guerra, western e realismo mágico, sempre pelo viés literário. Literatura como proposta; literatura fantástica como consequência.

A idéia de editar a Hyperpulp veio da observação de aspectos díspares e complementares da nascedoura década de 10. Cultura high-brow e low-brow se misturam de forma indefinível e fica cada vez mais difícil (e mais desnecessário) enxergar seus contornos. O pontapé inicial dado pelas figuras oitentistas da literatura cyberpunk fez com que a sub-cultura da FC e da fantasia se tornasse gradativamente mais literária e avant-garde, abolindo a caretice estritamente tecnológica. O curioso é que aspectos sociais os mais diversos fizeram com que o mesmo caminho fosse percorrido a partir da outra ponta, do extremo oposto: graças à Internet e às mudanças tecnológicas, a alta literatura estendeu os braços em direção ao cyber e aos gêneros fantásticos mais undergound. Nesse contexto, Lovecraft flerta com Oscar Wilde, Jorge Luís Borges toma um chá de silício com William Gibson e Murakami faz colagens com William Burroughs num labirinto de beats. Uma realidade onde a literatura se aproxima do fantástico e a fantasia se torna cada vez mais literária e artística. Um mundo de propostas mescladas, que se intercalam na mixagem dos extremos e onde a alta cultura faz carinhos no pop. Um mundo hyperpulp.

Graças à universalização de vários conceitos até então separados à força, figuras como China Miéville podem hoje em dia mesclar Jungle e fantasia, drum'n'bass e cidades vivas e bem visíveis, enquanto Jeff VanderMeer enxerga labirintos borgeanos feitos de páginas do roman noir. O futuro é mais do que vórtex, é uma cacofonia de samples que, enfileirados pelo caos primordial, tecem uma ordem improvisada que une medievalismo pastoril e pós-cyberpunkices cada vez mais reais. Velhos fantasmas e lendas saem das vilas e porões e entram de cara nos servidores e mainframes, rebolando páginas envoltas em BPMs. É hora de dar download no santo.

A Hyperpulp reflete isso e publicará autores estrangeiros de primeira linha, pela primeira vez traduzidos para o português, em uma edição bilíngue. E também autores brasileiros veteranos e iniciantes. Se você gosta tanto de Kerouac quanto de Lautréamont, tanto de Lord Dunsany quanto de Grant Morrison, tanto de Kafka quanto de Grand Theft Auto, envie seus contos pra gente. Jogue seus contos no vórtex em direção a editor@hyperpulp.com ou utilizando a dropbox do nosso site, em www.hyperpulp.com

Aceitaremos histórias dentro dos gêneros e, err, aspectos citados acima, em um limite máximo de 10 mil palavras. Não precisam ser inéditas. Podem ter sido publicadas anteriormente, mas devem ser originais em um sentido mais amplo. Leia mais sobre nossas guidelines em http://www.hyperpulp.com/regras-de-envio/ Exponha o seu mundo. O labirinto, o octopus e as idéias renderizadas em argila agradecem.

__Alexandre Mandarino__ é editor da Hyperpulp; Jornalista e tradutor de figuras como China Miéville e Grant Morrison, mantém desde 1998 o projeto de música eletrônica Chip Totec.

A TEORIA NA PRÁTICA

Romeu Martins

Acordar nestas condições sempre me faz pensar no velho aparelho de TV que ocupava espaço na casa da minha tia-avó solteirona. O mundo é de chuviscos e faixas pretas cruzando meu campo de visão, zumbidos e chiados atacando meus ouvidos. Tudo igualzinho ao que eu me lembrava daquele maldito caixote valvulado de madeira, a Telefunken na qual eu assistia às Boletes – era assim que se chamavam as Chacretes do Programa do Bolinha? – nas tardes de sábado. O que eu não daria agora por um pacote de Bombril pra pôr nas antenas e tentar melhorar o sinal. Maldita ressaca! O pior é a dor nos quartos traseiros. Parece que levei uma surra. Ou será que fui atropelado? O pensamento me faz pular da cama na mesma hora. Cama? Na verdade um colchão fedido jogado num piso de cimento cru, cinza da cor do meu fígado. Onde eu estou? Quarto pequeno, tipo de empregada, sem janelas. Só o colchão, sem lençol, travesseiro, nem nada – pelo menos não tem mancha de sangue, percebo – e uma porta de madeira. Trancada, é o que eu pude conferir assim que consegui movimentar as pernas e os pés descalços naquela direção, através do mar de chuviscos e zumbidos. Se eu não consigo responder ao "onde eu estou", pelo menos tento pensar no "como vim parar aqui?". Onde exatamente é o "aqui" fica pra depois. Me jogo no colchão de volta, ainda com a bunda dolorida, e me encosto na parede gelada. Percebo neste momento que estou sem camisa, só com uma bermuda de elástico. Porra, cadê minha cueca? O que diabos aconteceu na noite passada? Só me lembro de sair da produtora e ir direto pro bar mais próximo, o Café Matisse, no CIC. É, isso, hoje – se é que hoje é hoje mesmo, noto que além da minha roupa sumiram celular e relógio, e com eles minhas noções de que horas são e de que dia da semana é – ia ser o meu primeiro dia de folga desde que começou a campanha. Queria aproveitar pra encher a cara. Apareceu aquela morena com jeito de punk, ou de gótica, sei lá. Morena com corpo de alemoa. Roupa de couro preto, quase dois metros só de pernas. A guria deu mole e disse que se lembrava de mim, eu não era o Medina, da antiga Escola Técnica? Era. Não me lembrava dela, do curso de Arquitetura? Não tava lembrando. Mas ela se lembrava de mim da turma de Eletrotécnica. Abafado aqui, música chata, vamos levar as long necks lá pra fora? Só se for agora! Dei tchau pros colegas e acompanhei a grandalhona pela porta de vidro com as garrafinhas verdes na mão. Ensaiei minha piada sobre a Lei de Ohm, a mesma que conto pra todo mundo que diz ser do tempo da Escola Técnica, mas só me vem à mente um negrume com aquele pontinho persistente de luz de televisão velha sendo desligada. Pelas frestas da porta entra o pouco de iluminação do quarto. Dá pra notar que o lugar foi feito de qualquer jeito, parte do reboco deixa à mostra os tijolos das paredes. Deve ser um barraco de favela. Aposto como tô na Chico Mendes. E aposto mais dinheiro ainda que ninguém viu nem ouviu nada. Bato o olho no teto, uma laje tão descascada quanto as paredes, e encaro uma luz vermelha. É o led de uma câmera de vigilância. Ela parada, fixa, me observa de cima pra baixo. Eu ali, meio pelado seguro a cabeça pra não desgrudar do pescoço e quicar pelo chão. Penso se vale a pena gesticular, berrar pra algum microfone embutido ou coisa do tipo. É quando a porta faz barulho. Um trinco se destrava e as dobradiças gastas começam a ranger. Entra sem pressa naquela pocilga um sujeito de roupas mais brancas que figurante de comercial

de sabão em pó. Putz, tão branco, na contraluz, que faz meus olhos enressacados doerem. Ponho a palma da mão nas sobrancelhas pra tentar proteger a vista daquela invasão. Nem me levanto.
– Boa tarde, senhor Medina. Passou bem a noite? Não reconheço a voz, posso jurar que nunca ouvi aquele sujeito antes, apesar de não conseguir enxergar a cara dele.
– Tá, não preciso nem perguntar onde eu tô, quem é você, como vim parar aqui... Não reconheço nem minha voz. Ela sai mais rouca e ainda mais pastosa que o de costume pra uma simples noitada. Os erres se embolam no meio de perdigotos e a língua bate no céu da boca, inchada feito esponja encharcada e com um gosto não identificado. Não é o costumeiro cabo de guarda-chuva, estou certo disso. Mas acho que deu pra disfarçar o medo, daquele jeito que só os bebuns tiram coragem pra encarar um desconhecido, seja na desvantagem que for. Acho que ainda estou bêbado, ou chapado, de verdade.
– Perguntar não vai adiantar mesmo muita coisa, mas se o senhor colaborar vamos lhe dar algumas respostas.
“Vamos”? O cara não tá sozinho. Se eu precisasse de algum outro motivo pra não me levantar do colchão e pular na garganta dele, numa tentativa desesperada de fugir por aquela porta, a idéia de ter um bando de gente me esperando do lado de fora é suficiente pra eu ficar quieto no meu canto.
– É tudo muito simples. O senhor está sendo convocado para participar de nosso grupo e nos ajudar em uma missão.
Ele fica de pé, na frente da porta, com as mãos nos bolsos. Apesar de eu continuar meio cego, dá pra notar que a roupa é coisa de médico: um paletó, ou jaleco, branco, calça social branca, até os sapatos são brancos. Me vem a cabeça aquelas histórias de gente raptada pra ter os órgãos transplantados. Ainda com a mão direita protegendo os olhos, passo a esquerda pelas costas e pelo lado do corpo pra tentar sentir alguma cicatriz de corte. Como se alguém fosse se dar ao trabalho de arrancar uma carne tão de segunda quanto a minha. Parece que meus rins, pâncreas e fígado continuam no lugar, mas estou arranhado e cheio de manchas roxas.
– Que raio de grupo, que zorra de missão? – Os erres me fazem cuspir e me babar todo – Vocês são algum tipo de... igreja? O homem que agora me lembra um pai-de-santo mostra a palma da mão direita. É um gesto pra me acalmar, imagino, não que adiante de muita coisa.

– Não, não somos uma seita. Se faz questão de um nome, fomos nós que fizemos a pichação no muro em frente de sua casa.
– “Camisinha causa câncer”? Foram vocês que pintaram aquilo? – Pergunto um segundo antes de me bater o pânico por perceber que eles sabem onde eu moro. Meu Deus, eles sabem onde eu moro!
– Exatamente, frases como aquela estão gravadas em muros por toda a cidade, demarcando o território onde vivem pessoas que nos interessam, que podem ser úteis em nossos projetos. Mas além da frase, existe uma assinatura, não é mesmo? Duas letras escritas em azul.

– T e... C? – Preciso puxar pela memória, nunca prestei muita atenção naquilo do mesmo jeito que sempre passei batido por todas as pichações do tipo: “Eles ouvem o que você fala no celular” ou “Transgênicos são feitos de fetos abortados”, com que topo no caminho da casa pro trabalho, em Florianópolis, São José e adjacências. Acho que todas são mesmo assinadas com aquelas letras.
– Exato. Terroristas da Conspiração. É assim que somos chamados nos fóruns, nas correntes de e-mail, nos vídeos do YouTube, no Twitter.
Como se um lâmpada estourasse na minha cara, me lembro de todos aqueles e-mails que deletei, os pop ups que pularam na minha cara na frente do computador em páginas não muito recomendáveis, dos antigos spywares, das mensagens pelo celular... do monte de spam que me enche a paciência, assinado por TC ou, muitas vezes, por esses tais de Terroristas da Conspiração. Sempre com as histórias mais absurdas sobre discos voadores, Amazônia internacionalizada, sanduíches feitos com carne de minhoca, chips implantados em sei lá o quê, gente sequestrada não sei onde... Peraí, até o papo de transplantes clandestinos li numa mensagem dessas!
– Noto pelo seu rosto, senhor Medina, que está reconhecendo nosso nome. Sim, nós somos celebridades anônimas, mitos urbano-virtuais espalhados pelas redes, nos resultados do Google, nas páginas da Wikipédia, nos anúncios das revistas de ufologia, nos comentários dos blogs, em flashmobs. Estamos presentes no mundo inteiro, em todos os continentes.
– Deixe-me tentar adivinhar: sempre divulgando as verdades que os poderosos não querem que o povo saiba? – A coragem vem da súbita consciência do ridículo de tudo aquilo.
– Ao contrário. Espalhamos mentiras que são úteis aos poderosos que nos contratam. Espalhamos ou, quando necessário, produzimos mentiras úteis. Como a que vamos produzir com sua ajuda.
Tá, agora pirei. Quer dizer que existe algum motivo por trás de todo aquele lixo que me

atola a caixa postal? Nem consigo encontrar as palavras pra esboçar uma pergunta, parece que alguém girou o seletor de canais daquela velha Telefunken de madeira cheia de cupim e tirou da sintonia da estação que eu tava vendo. Entrou um desenho animado no lugar da novela das oito.

– Voltou a ficar confuso, senhor Medina?

– Não entendo que vantagem alguém pode tirar de todos esses boatos desencontrados, histórias paranóicas que não fazem nenhum sentido, que se contradizem o tempo inteiro?

– Ah, o senhor não imagina quantas marcas já levamos à falência, quantas reputações já destruímos com nosso trabalho. Basta ativarmos nossa rede e espalhar que tal produto faz mal à saúde, que determinada pessoa está envolvida em alguma atividade obscura ou macabra. Quantos esquemas ilícitos já foram encobertos por cenários fantasiosos de ETs capturados ou de discos voadores errantes? Só precisamos espalhar as histórias em nossa muito eficiente rede de contatos global e, em alguns casos, ajudar a divulgar pistas que dão a credibilidade necessária para que nossas cortinas de fumaça funcionem. Sabe – num momento calculado, ele acende e começa a fumar um cigarro –, às vezes precisamos amassar algumas plantações de trigo por aí.

De repente as coisas começam a fazer algum sentido, daquele jeito que só acontece nos sonhos: uma coisa esdrúxula se liga a outra tão esdrúxula quanto; mas a soma das partes é coerente. Só falta entender uma coisa muito importante.

– O que vocês querem comigo? O que eu tenho a ver com essa história?

– Ora, o senhor é o técnico de som responsável pelo programa eleitoral do atual candidato à reeleição no governo de Santa Catarina, certo? Uma pessoa em uma posição que nos interessa no momento.

Agora fedeu! O que esses malucos vão me pedir? Que eu mate o governador? Não tem mais jeito de disfarçar o pânico.

– Acalme-se, senhor Medina. O que o senhor vai fazer por nós é uma coisa muito simples para alguém que exerce suas funções. Algo muito, muito simples.

– Você não pode me obrigar a fazer nada! – Berro arranhando a garganta e me engasgando com a saliva grossa – Não vou ajudar a fazer nada que vá me meter em confusão!

O homem nem se abala. Continua a fumar seu cigarro, cuspir fumaça branca e a me encarar, acho que dá pra notar um sorriso na cara dele.

– Guitarrista, poderia vir aqui e trazer o material de convencimento?

Na mesma hora, surge ao lado do homem de branco um outro sujeito que caminha pra dentro do quarto – ou devo chamar de cativeiro? Ao contrário do cara com quem eu vinha conversando, esse sai da área de proteção da luz e me deixa perceber um pouco da aparência. Ele lembra um filho bastardo do Kurt Cobain, com camisa de flanela xadrez, calça folgada, cabelo escorrido e até uma daquelas barbichas dos anos 90. Do meu canto, ainda sentado no colchão, protejo a cara como se fosse levar um murro, com os braços cruzados e até as pernas levantadas, quando ele ergue o braço na minha direção. Mas no lugar da porrada, sem dizer palavra, simplesmente joga um celular na minha cara.

– Vamos, senhor Medina, acione o aparelho. O senhor vai se interessar pelo conteúdo da memória, eu posso lhe garantir.

Com o tal Guitarrista em pé do meu lado, ainda com medo de levar um chute daqueles coturnos, pego o celular. Não é o meu pré-pago fuleiro, com toda certeza. Este aqui é bem mais moderno, daqueles da TalkCell, que pegam em todo lugar, com câmera fotográfica, tela grande e colorida. As mãos tremem mas dá pra sacar que tem uma série de fotos e até um filminho ocupando parte da capacidade de armazenamento do bicho. Antes de conseguir enxergar alguma coisa, ouço o homem de branco falar.

– Caso o senhor não faça exatamente o que estamos propondo, todas as pessoas que já lhe enviaram um e-mail, todos os integrantes de sua rede de contato do Orkut e do Facebook, qualquer um com quem já tenha conversado pelo MSN ou pelo GTalk, seus colegas de trabalho, amigos e parentes, sua mãe de quase 70 anos, enfim, todos vão receber arquivos anexados com essas imagens.

As fotos são, ao mesmo tempo, a explicação da maldita dor no meu traseiro e do gosto estranho na minha boca... Os miseráveis me mantiveram ocupado enquanto eu tava dopado demais pra reagir, bancando a Cinderela. E pelo jeito acreditam mesmo que camisinha dá câncer.

A raiva é grande demais pra que eu pense se além daqueles dois há ou não mais gente do lado de fora. Eu me embalo pra me jogar contra a dupla... Só então percebo algo que já estava do meu lado. De dentro da calça jeans do roqueiro cabeludo, o metal de um trezoitão reflete a luz vinda da porta. Engolindo a vontade de vomitar, faço a única pergunta possível àquela altura:

– O que vocês querem de mim?

– Muito bem, senhor Medina. Sabia que estávamos negociando com uma pessoa sensata, não perdemos tempo ao observar sua vida desde que o senhor foi contratado para trabalhar na campanha do governador. Guitarrista, dê a seu amigo o outro pacote.

Agora é uma caixa de plástico que é jogada no colchão.

– Este CD é algo que vai lhe fazer companhia pelos próximos meses, senhor Medina. A cada novo programa que o senhor ajudar a produzir, em sua mesa de edição, deve incluir, camuflada no áudio, alguma das faixas dele. Disfarce o conteúdo em um canal oculto entre os jingles de campanha ou no discurso do candidato. Seja criativo.
– O que tem nesta coisa? – Eu seguro a caixa e tento não olhar mais pras fotos no visor do celular.
– Ah, nada demais. Uma série de sons que seriam o esperado em alguma cenário sobre mensagens subliminares: vozes gravadas de trás para frente com frases de comando, mensagens ocultas em freqüências muito altas ou muito baixas para serem captadas pelo ouvido humano, ruídos de baleias, coisas assim.
– E vocês esperam que uma coisa desse tipo vai fazer lavagem cerebral nos eleitores? Convencer as pessoas a fazer algo que não querem?
O homem de branco solta uma risada. O grunge de camelô continua quieto.
– Ora, senhor Medina. Parece que não prestou atenção ao que eu disse. Se tivéssemos esse tipo de tecnologia bastaria tocar um disco noite e dia em seus ouvidos para fazê-lo nos obedecer, não é mesmo? Não, nós sabemos que isso tudo não passa de bobagem, histórias para alimentar a paranóia alheia, como o senhor mesmo disse. Mas precisamos ter algo para mostrar às pessoas de tempos em tempos, fazer barulho nos programas de auditório, criar manchetes nos jornalecos, gerar conteúdo para download nos sites certos. Precisamos manter vivos os mitos, dar combustível às teorias da conspiração. Criar certezas fáceis de serem acreditadas para espalhar a dúvida entre as pessoas.
Respiro fundo e volto a encarar o homem de branco, sempre evitando o roqueiro e sua arma.
– Mas se vocês vão espalhar essa história eu vou acabar me dando mal. Todo mundo vai saber que fui eu que fiz a lambança.
– Esse risco faz parte do nosso acordo. Mas não se preocupe, se vamos ou não divulgar o material, ou quando vamos fazer isso, depende de muitos fatores. Do resultado da eleição, por exemplo. E se o senhor fizer tudo direito, quem sabe, pode haver um lugar lhe esperando em nossa organização. O Guitarrista é um caso, ele foi recrutado para participar de forma não voluntária de um antigo projeto. Hoje faz parte da equipe e deixou para trás uma promissora carreira como ator de filmes adultos. Posso dizer que percebi a desenvoltura dele pelas tais fotos e pelas imagens em movimento, mas tento me esquecer daquilo. Tenho que me esquecer.
–E é só isso? Posso voltar pra casa se aceitar o acordo?
– Mas é claro, senhor Medina. Desde que tenha em mente que estaremos aqui fora, do outro lado de sua casa, monitorando os programas de TV de seu candidato para conferir se o senhor está fazendo o trabalho direito.
Eles dão espaço pra que eu me levante. Faço isso me escorando na parede mal rebocada. Deixo o celular com as fotos no chão e seguro o CD com a mão tremeliquenta. Espocam perguntas sobre quem poderia ter encomendado o serviço, se foi um dos candidatos concorrentes, empresários, algum sindicato, os gringos... Mas só faço uma delas em voz alta:
– Estou livre, então?
– Mas é claro. Vamos deixá-lo perto de sua casa e o senhor vai poder tocar sua vida, contar vantagem para os colegas sobre a mulher com quem saiu a noite passada. Leve o aparelho celular junto, pode apagar as fotos se quiser. É através dele que vamos nos comunicar quando for necessário. Mantenha-o sempre com a bateria carregada. Atenda sempre que tocar, não importa o que esteja fazendo. Vou me identificar como Senhor Neves.
Senhor Neves? Lembro daquele presidente do tempo em que eu era moleque, o que foi sem nunca ter sido. Enquanto apanho o aparelho, me lembro da pichação – “Eles ouvem o que você fala no celular” – e volto a controlar a imaginação pra não pensar exatamente no tamanho desta roubada.
– Fora isso, ainda vai voltar a ouvir falar de nós. Talvez não pessoalmente, porém estaremos presentes nos spams, nas pichações e nas correntes de sempre. Desde que não falte com o nosso compromisso, seus amigos nunca verão aquelas fotos. E se quiser, algum dia, pode até contar esta história para alguém, já que ela só vai servir para aumentar nossa mitologia particular.
Ainda me sentido uma televisão fora de sintonia, sem Bombril pra ajudar na recepção, caminho na direção da porta para testar a promessa de que vão me soltar. Celular numa mão, CD na outra. O ex-ator pornô permanece indiferente. O homem de roupa branca, que só agora percebo ter cabelos tão grisalhos quanto os do Cid Moreira, joga o toco de cigarro no chão e me estende o braço em um cumprimento.
– Bem-vindo aos Terroristas da Conspiração, senhor Medina. Este é um mundo muito banal; vamos trabalhar para complicá-lo um pouco.

Acho que agora entra a trilha sonora e começam a rolar os créditos finais.

BRUCE STERLING ENTREVISTA RAYMOND CHANDLER

Após quase perder sua cabeça para H. P. Lovecraft, Bruce Sterling traz desta vez Raymond Chandler para mais uma entrevista, realizada na edição de número 11 do antigo fanzine CHEAP TRUTH. E nós traduzimos para você esta delirante conversa entre o Chefe e o mestre do policial noir.



Foi no último mês de março de 1985, dois anos depois da nossa entrevista com Lovecraft (ver CHEAP TRUTH #3)[1]. Mais uma vez nós usamos a necromancia impronunciável das Planícies de Dairy Queen.

Chegando de 1957, Raymond Chandler apareceu no escritório de CHEAP TRUTH como um pequeno cavalheiro de cabelos grisalhos, rosto digno e óculos pintado. Ele vestia um terno de linho cor marfim desgastado, uma gravata listrada encurvada, sapatos de dois tons refinados e longas luvas de algodão amarelas.

RC: (jogando-se no sofá) Eu sempre tenho sido um pensador horizontal. (Olhando severamente para a televisão) O que diabos é isto?

CT: Isto é MTV.

RC: Você tem uma tagarela? (Pegando o controle remoto). Eu tinha uma dessas antes deles colocarem no mercado (Eliminando o som). Americanos modernos. Jesus! Aglomerados em volta das TVs como moscas no lixo.

CT: Obrigado por vir, Senhor Chandler.

RC: Me chame de Ray, eu detesto esnobismo.

CT: Tudo bem, Ray. O que acha de um chá quente?

RC: (irritado) Um Ballantine com gelo. (sorvendo) Sem dúvida você quer saber como um camarada como eu entrou nessa confusão toda.

CT: Na verdade, eu...

RC: Eu comecei como um homem de negócios. Trabalhava para uma companhia de petróleo. Isto me deixava apertado – não era como aqueles mentirosos ofegantes das revistas de luxo. Eu trabalhava para escrever. Outros escritores *pulp* usavam baldes de tinta branca para limpar, eu usava escova de crina de camelo.

CT: Como você conciliou os maus pagamentos de revistas como BLACK MASK e DIME DECTIVE?

RC: Eu também escrevia roteiros de filmes para Tinseltown *[apelido para Hollywood]*.

CT: E como era trabalhar para outros?

RC: Era uma agonia! Você não tem controle artístico. Editores são gatinhos doentes comparados aos conquistadores mongóis. E os agentes! Jesus! (Caretas) Veja meu roteiro de THE BLUE DAHLIA. Eles estavam atirando no roteiro enquanto eu o escrevia. Tive que escrevê-lo bêbado. Foi a única maneira de fazê-lo a tempo. Eu escrevia ao lado do relógio e tinha duas enfermeiras e um médico me dando doses de vitamina.

CT: Por que você se deixou passar por tudo isso, Ray?

RC: Um homem precisa comer! (Encolhendo os ombros) Além do mais, havia o jardineiro, o cozinheiro... a casa de praia em La Jolla... dezoito pares de sapatos... E muito mais!

CT: Vamos falar sobre seus livros, Ray. O *mainstream* é sempre resistente a escritores de gênero.

RC: É verdade. Até quando você é um sucesso. Então é pior. Você é incompleto devido a uma história de Marlowe, murmurando sabedorias pelo canto da boca, até chegar W. H. Auden e lhe dizer que você está escrevendo "estudos sérios sobre um meio criminoso". Então você se congela de cima a baixo, toma duas ou três doses de gim para se derreter novamente. E têm os misteriosos ataques, incompetentes invejosos espetando suas costas. Ou o maldito *Saturday Review of Literature* – um grupo de professores com dores de cotovelo lamentando qualquer um que tenha cérebro e entranhas para fazer histórias para uma revista de dez centavos.

CT: Você era bem cotado pelos críticos.

RC: Na Inglaterra, talvez. Os britânicos sabem escrever bem. Para eles eu era um grande autor americano – não apenas um escritor de histórias de mistério. E a Inglaterra tem um código de conduta. Uma mulher faz você dizer "por favor" cinco vezes antes de você poder dormir com ela.

CT: Você não disse...

RC: Eu adoro o jeito que elas conversam. Um escritor tem que saber como ouvir para dialogar, droga! Ninguém ouve mais – exceto estas malditas caixas barulhentas. (Olhares fixos, pessimistas, para a TV em silêncio) Veja estes gestos distorcidos. Eles colocam putas na televisão nestes dias? Não é difícil imaginar porque o Ocidente está indo para o inferno.

CT: Ah, sim. Agora, Ray, sobre o tratamento que você dá as mulheres...

RC: Mas um homem faz o seu melhor. Eu sei o que fiz. Eu peguei um tipo totalmente barato de escrita, mal-feito, perdido, e o transformei em algo que os intelectuais disputam entre si.

CT: Exato! Este é o seu verdadeiro legado, Ray. A promessa que a literatura de gênero, feita de coração, pode quebrar seus próprios limites até as últimas conseqüências. Há uma parceira entre os escritores populares. Nós, escritores de ficção científica, devemos...

RC: Você o quê? (Rindo descontroladamente) Eu li este lixo *sci-fi* uma vez! "Eu deixei o ejetor temporal em reserva e desbravei o matagal azul de Manda. Minha respiração congelava em *pretzels* rosas..." (chorando de rir) Você chama isto de literatura? Jesus Cristo!

(Chandler desaparece silenciosamente até piscar como um ruído de estática. Deus abençoe o controle remoto!)

Tradução de: **Rodolfo Londero**

Arte**:Wandeclayt M.**

---

1 publicamos a entrevista traduzida na edição #4 do Overclock Zine. http://overclockzine.blogspot.com.

SEXUS 6

por Dionea Sig Sauer

PHOTO: WANDECLAYT M. © 2008

A escuridão era total. Não importava. O cheiro de sexo iluminava cada canto do quarto trancado. Era possível visualizar cada gota de suor, cada fio de saliva, cada reentrância de sua boceta apenas pelo caleidoscópio de odores no ar viciado.

Estava amarrada à cama. Não importava. Apenas o corpo estava preso. As cordas restringiam seus movimentos, não seus sentidos. O calor súbito em sua pele frágil dizia que a escuridão não se estendia muito além da venda cobrindo seus olhos azuis. As gotas de cera caindo cadenciadas confirmavam sua suspeita.

A subjetividade do tempo naquele cárcere a impedia de estimar a quanto tempo estava ali. Uma noite? Um dia inteiro? Talvez o final de semana...

Sabia que sentia fome. Muita fome. E sede... muita sede. Beberia qualquer líquido que gotejasse em sua boca. Fraca. Faminta. Sedenta.

Sempre achou repulsivo o gosto de porra. Sorvia com vontade o pau duro. Punhetava-o com suas mãos hábeis e macias. Mas os jatos do leite espesso iam sempre em seus peitos, ou na entrada de sua boceta onde se deleitava espalhando o líquido quente. Por vezes deixava o macho esporrar em sua boca, para rapidamente fazer o gozo escorrer por seus lábios, lambuzando rosto, pescoço e desenhando padrões sinuosos em seus seios.

A imagem da boceta, ou dos seios perfeitos cobertos de porra eram o retrato perfeito da culminação daquele prazer que inevitavelmente brotava quando estavam juntos.

Quando gozou em seu cu, sentiu durante todo o dia a porra escorrendo e molhando suas coxas. Por um dia inteiro lembrou do pau arrombando seu rabo e preenchendo-a de porra.

A sensação tátil do liquido viscoso em sua pele a enlouquecia.

E ver aquele corpo perfeito, emoldurando um rosto de boneca, lambuzado naquele mel era uma visão tão indescritível quanto o terror indizível lovecraftiano.

Ela sabia o quanto isso era belo. O quanto seu rosto e seu corpo esporrados eram belos. O quanto sua pele grudenta de porra e suor era bela.

Não estragaria esse espetáculo. Não saciaria sua sede bebendo a porra.

Enquanto o fogo consumia a vela, derramando filetes ardentes de cera, ela gritou. Enquanto as cordas apertavam seus pulsos e tornozelos, ela gritou. Pediu. Implorou. Precisava saciar a sede:

- Mija na minha boca! - Gritou estridente.

- Mija na minha boca! - Voltou a falar com a voz mais branda, mas não menos sedenta.

O pedido o paralisou. A cadela conseguiu dar uma ordem ao seu dono.

Ainda vendada sentiu o peso em seu rosto. Lambeu o cu que se esfregava em sua boca. Teria enfiado o dedo se não estivesse amarrada.

Sentiu o pau duro batendo em suas faces. Roçando nos lábios. As primeiras gotas ácidas pingando. E o jato quente direto em sua garganta. Bebeu. Degustou.

Sentiu o calor em sua boca rivalizar com o calor em sua xota. Em seguida o peso do macho sobre seu corpo esguio. O pau que saciou a sede em sua boca, saciava agora a sede de sua xana. Fodendo sua boceta enquanto beijava sua boca. Ela queria mais.

Naquele momento. Na explosão do prazer. Ela achava que tudo era pouco demais. O prazer era pouco. O universo era pouco. Queria uma dezena de paus como aquele ali. Queria saber que depois de receber sua porra ainda teria uma fila de paus duros prontos para cobrir a cadela de porra. Aquele pau a satisfazia. Mas nunca a saciaria.

Mas sabia que bastava aquele macho para realizar cada uma de suas fantasias. Bioengenharia a serviço do prazer. A cada nova fantasia bastaria carregar um novo programa e reprogramá-lo com parâmetros customizados.

Já tinha experimentado toda a biblioteca de software fornecida pelo fabricante.

Mas sabia que havia módulos piratas à venda nas vielas do Distrito Vermelho.


bunker media

O ROBÔ QUE ME AMAVA

Jack Holmer

Um assunto recorrente em narrativas ficcionais é a transformação de objetos inanimados em seres cognitivamente vivos. Das lendas mitológicas que falam sobre Golens de pedras animadas à animais falantes, uma grande gama de variações foram produzida tanto na literatura quanto na industria cinematográfica. Esse imaginário especifico se apresenta hoje com uma roupagem tecnológica, onde a necessidade de comunicação com nossa máquinas, exige, no processo de interação, uma ativação comportamental da máquina, antes inanimada. Necessitamos destes aditivos comportamentais quando precisamos dialogar em uma linguagem mais natural com a máquina. Web semântica, interação por sistemas de voz e periféricos que captam os impulsos cerebrais, são só alguns exemplos rápidos deste processo de dar "vida" a objetos e máquinas semióticas. Neste processo comunicacional emerge uma relação especifica de interação, onde a inteligência, tanto do usuário quanto do sistema informático se apresenta em forma de uma relação complexa, em rede e interdependente. Estas relações tecem, através da interação, traços afetivos, apego pasional e, por que não, amor.

A Bande-dessinée (que equivale ao termo inglês Graphic Novel) Pinocchio, de Winshluss se mostra uma manifestação plástica deste imaginário contemporâneo, onde o tradicional Pinóquio de 1884, aparece como um robô de guerra que busca (mesmo sem ele saber) adquirir sentimentos para que possa entender e participar do mundo ativamente, e para isso necessita uma melhor interação com o homem com uma roupagem (interface) que demonstre essa adaptação. Pinóquio, O Homem de Lata de Oz, o menino robô do filme "Inteligência Artificial", e outros personagens da ficção buscam a mesma coisa: um sistema de interação que seja natural ao homem, uma linguagem comunicacional universal, intuitiva e inteligente. A cibercultura se depara com o sério problema da semântica no ponto que a interação homem-computador chega ao limite com as relações interpessoais. O Pinóquio simboliza o amor e as relações entre pai e filho, assim como David (do filme Inteligência Artificial) sugere as relações entre mãe e filho. No caso do último exemplo, as dificuldades de entrega sentimental da "mãe adotiva" de David é explicita. Está dificuldade é relativa a um preconceito ligado ao "Complexo de Frankenstein" de Isaac

Asimov. Este medo de robôs autômatos (e da tecnologia como um todo), segundo Asimov, se dá por algumas características como o medo de mudanças, o sacrilégio da criação, o medo da superação e substituição do homem pelas máquinas.

Cada uma destas características tem seus méritos no "complexo de Frankenstein". O medo de mudança do que já é conhecido, testado e aprovado, para um novo paradigma, está explicitado em toda história da humanidade, dispensando exemplos e comentários. O segundo ponto, da criação de um ser inteligente ser considerada um sacrilégio, representa também um dos argumentos dos tecnofóbicos, já que apenas o Deus maior pode dar vida e consequentemente, pode delegar inteligência e liberdade ao Ser criado. Segundo os que acreditam nesta proposição, este é o motivo dos seres autômatos criados pelo homem se revoltarem contra o seu criador humano, provando a incapacidade deste de criar vida. E por último, o medo da substituição, que se refaz desde a Revolução Industrial através dos Ludistas[1], neo-ludistas e grupos do gênero.

Fato é que a relação entre Robôs e Humanos, fora e na ficção, está se mostrando um tanto quanto mais complexa. O próprio Homem-de-lata deriva de uma relação amorosa. Em uma história cronologicamente anterior ao clássico conhecido, um lenhador amaldiçoado se auto mutila, tendo que substituir os membros perdidos por patês robóticas ("latas"), e com isso perde sua "humanidade" e seu amor pela sua noiva fiel. A busca do "coração", na saga de Oz, revela esta vontade de um aditivo sentimental e uma busca por relações afetivas.

Mas estar relações afetivas com Robôs, bonecos e objetos aparecem tanto na ficção científico quanto em fatos não ficcionais. Se bonecas infláveis, disponíveis no mercado a anos, fazem sucesso, as novas "sexdolls" (http://www.honeydolls.jp/en/main.html), que tem na verossimilhança (tanto visual como tátil) sua principal propaganda. O Filme americano "A garota ideal"(Lars and the Real Girl, 2007) e o japonês "Air Doll"(2009) tratam de como os humanos empregam afeto nas relações com objetos, principalmente os antropomórficos. Amamos nossos carros, nosso tênis, nossa máquina de café e mais ainda nossos "Computadores Pessoais" e robôs. No livro "Sexo com os Robôs: a evolução das relações entre Humanos e Robôs", de autoria de David Levy, estas relações são mostradas como uma evolução natural, e inevitável.

A robótica ainda tem que evoluir para a plana Inteligência Artificial e uma interação interpessoal ente humanos e robôs, mas está no caminho. A Biônica nos revelou que além de simularmos os modelos lógicos do corpo dos seres vivos, teremos que "imitar"seu comportamento. E há as que acreditam que este comportamento artificial consciente é uma questão de tempo, e que pela emergência dos sistemas informáticos, isso ocorrerá. Por enquanto, cuide bem de seus eletrônicos, pois em breve ele pode estar cuidando de você.

---

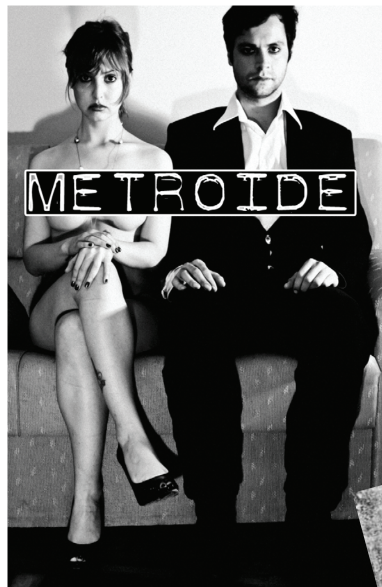
1 O Luddismo é o nome do movimento que se insurgiu contra as profundas alterações trazidas pela Revolução Industrial. As reclamações contra as máquinas e a sua substituição em relação à mão-de-obra humana, já eram normais. Mas foi em 1811, na Inglaterra, que o movimento estourou, ganhando uma dimensão significativa. O nome deriva de Ned Ludd, um dos líderes do movimento. Os luditas invadiram fábricas e destruíram máquinas, que, segundo eles, por serem mais eficientes que os homens, tiravam seus trabalhos, requerendo, contudo, duras horas de jornada de trabalho. Os luditas ficaram lembrados como "os quebradores de máquinas".
Para além de histórico, este termo representa também um conceito político, usado para designar todos aqueles que se opõem ao desenvolvimento tecnológico ou industrial. Kirkpatrick Sale em seu livro "Rebels Against the Future", transcreve as diretrizes do movimento.



Hugo Gernsback. fotografado por Alfred Eisenstaed em 1963.

R A D A R

wandeclayt m.



É uma contradição encontrar bandas que usam tão bem a tecnologia para fazer música mas que a negligenciam quase que completamente como ferramenta de divulgação.
Dois casos agudos dessa patologia podem ser encontrados nos palcos de Porto Alegre.
O duo Euphorbia(http://www.myspace.com/euphorbia) conseguiu levar seu dark electro aos palcos do ginásio Gigantinho abrindo para o Pet Shop Boys em 2007, mas a banda não soube capitalizar em cima do notável feito.
A banda segue se apresentando e impressionando em seus shows no circuito alternativo gaúcho, mas precisa com urgência ser descoberta pelo resto do universo.
Também voando abaixo do radar encontramos a Metroide (http://www.myspace.com/metroidemetroide).
O casal Wagner (baixo/programações) e Célia (voz/guitarras) confessa que dá pouca



atenção à própria divulgação e reconhece o pecado capital que está cometendo. Mas segue pecando.

Na direção oposta vão os cearenses do Plastique Noir (http://www.myspace.com/plastiquenoir). Explorando as redes sociais (e até o pré-colombiano *fotolog*) a banda garante a divulgação de seu cd Dead Pop e interage com fãs, bandas e produtores. Usando a rede para vencer o isolamento geográfico, a banda se inseriu na programação dos maiores festivais independentes do Brasil, incluindo o Goiânia Noise Fest, Abril pro Rock e Wood Gothic, sem mencionar que já declinou um convite para o Wave Gothik Treffen, um dos maiores festivais góticos da Europa. É um exemplo a ser seguido e uma aula de marketing na rede. A boa música é indispensável, mas talento sem visão pode ser a receita para o ostracismo.



fotos: wandeclayt m. | bunkermedia.com.br

FAUSTO FAWCETT

Rodolfo Londero

Esta entrevista foi realizada no dia 2 de agosto de 2006, no Rio de Janeiro (mais precisamente, no Bar Luiz), e até então permanecia inédita. Entrevistei Fausto Fawcett para minha dissertação de mestrado, "A recepção do gênero cyberpunk na literatura brasileira: o caso Santa Clara Poltergeist", defendida em setembro de 2007. Portanto, as perguntas giraram em torno das relações entre os trabalhos do escritor e a temática cyberpunk. Se houver incompreensão em alguns trechos, é porque nem o gravador conseguiu conter a verborragia fawcettiana.

Rodolfo Londero: Quando e como foi seu contato com a literatura cyberpunk?

Fausto Fawcett: Na verdade, independente do noticiário sobre William Gibson, eu acho que comecei a pensar nisso com Philip K. Dick. Aí, enfim, tem *Blade Runner*. De certa forma, eu sempre fui fã da ficção científica, mas aliada a uma coisa meio catastrófica, com terror e, principalmente, com humor. Aquela glorificação da tecnologia nos levando para prisões, armadilhas políticas, os *1984* da vida. Parece-me, de certa forma, que o William Gibson aborda mais ou menos assim; por isso é *cyberpunk*, uma certa mal-criação em relação a essas coisas. Mas eu sempre gostei, eu sempre imaginei de uma forma mais avacalhada, talvez por ser brasileiro, porque a paisagem é outra, mais "favelosa". Então, o noticiário sobre o cyberpunk me interessou pra caramba, mas meio de fora, porque tinha aquela visão *Tron*, que agora só ficou mais acirrada: esse negócio de você querer, na verdade, sair daqui, se isolar. Também tem aquela coisa cartesiana, "tem alguém mandando em mim", "penso, logo existo", "a mente separada do corpo", "uma grande rede, mas você tem que se libertar", "o sonho da liberdade", etc. Eu acho que a gente não muda, enfim, como dizia Millôr, os gregos teorizaram tudo, todos os tipos de falas filosóficas, de visões; são uns dos cabeças-de-chave em termos de comunicação, de comunicar teorias. Então, os meios de comunicação apareceram quando ninguém tinha mais nada a dizer, o que é um comentário cáustico, mas que eu acho interessante. Então, todas as quinquilharias eletrônicas, informáticas, enfim, toda a tecnologia, para mim, são só *gadgets*, uma coisa viciante, pois a gente tem que criar um mundo protético, próteses, invenções artificiais. É uma vocação nossa mandar a natureza tomar no cu, porque nós somos antinatureza, a gente tem a consciência de si, aquele unzinho de merdinha de gene que faz com que a gente se difira do macaco, do grilo. Existem pesquisas ou corroborações de que, por uma questão de sobrevivência, a consciência pode estar presente em animais, digamos assim. Então, é a consciência em si, é isso o que nos diferencia. Enquanto o nosso prazo de validade não se esgota, você tem que preencher a sua vida. Principalmente com filhos: desde que a tua mulher abre a perna e bota o *tamagochi* no mundo, ela está passando a morte: "Você não vai parar em mim não, sua piranha. Você vai lá, trabalhar de novo. Tu vai colar o 'sétimo selo' mas é nesse aí. Ainda vai demorar para ele ir embora". Tem uma frase na peça [*Cidade Vampira*] que resume um pouco o que eu estou falando, pegando os dois desenhos animados: "Todo Jetson tem medo de ser Flintstone". Essa coisa da tecnologia como sinônimo de progresso, eu não acredito. Então, tinha essa coisa de tecnologia que começou com o Philip K. Dick – aí tem *Blade Runner*, que foi quando comecei a me interessar –, mas, na verdade, eu gostava era do *Videodrome*, do Cronenberg.

RL: Na sua opinião, o que aproxima os seus textos com os da literatura *cyberpunk*? E o que afasta?

FF: O que aproxima é, obviamente, o interesse por tecnologia. O que me afasta são características como progresso. E também o punk, para mim, é mais uma coisa cínica. Vamos avacalhar. Vamos pegar o excesso que, para mim, é a coisa mais interessante, a única novidade que existe na vida contemporânea, e vamos mandar uma quinta marcha na banalização, na vulgarização, em qualquer coisa. Para mim, como Hermano diz no prefácio do livro [*Santa Clara Poltergeist*], tanto faz a guerrilha quanto dissolver o ego na matéria em movimento. Para mim, é pau a pau.

Não quero salvar o mundo.

RL: Qual o motivo de não se referir ao ciberespaço em seus textos? Por ser uma realidade distante do Brasil na época em que os textos foram escritos ou por você descartar o ciberespaço como algo alienante, como sugere no conto "Vanuza e Rachid"?

FF: Não, o que acontece é que quando eu falo que a coisa é meio abrasileirada, "terceiro-mundiarizada", é porque você pega a Santa Clara e o que me interessava era um outro tipo de humanidade possível, uma mutante porque, no final das contas, é o que ela é. Uma *X-man*. Bem história em quadrinhos avassaladora. Então, no "Vanuza e Rachid", o que eu acho legal não é exatamente em termo de alienação, mas se houvesse mesmo essas bombas lisérgicas. O que tem no *Matrix* ou no cyberpunk ou no *Show de Truman* é aquela ilusão de que você está aqui, mas acha que tem alguém te manipulando, que você faz parte de um *realty show* o tempo todo. Mas o que eu fico pensando é mais nessas bombas lisérgicas, de ilusão, deixar você sem saber, você está aqui e de repente, puta que pariu!, um negócio está acontecendo. Neurologicamente, a gente está conversando aqui, mas começa a achar que está, sei lá, num *bunker* otomano, numa paisagem que você perde totalmente a noção e será levado à loucura completamente. Eu fiquei quando estava escrevendo, digamos assim, vibrando com essa idéia, de forma perversa, é óbvio. Então eu acho mais interessante, mais violento, do que o ciberespaço. Quer dizer, tem suas similaridades, porque essa coisa *Tron* de colocar o capacetezinho e ficar ali viajando, pode dar um erro e ele não voltar mais também, como tomar um ácido. Então tudo bem, tem a catástrofe ali, mas como um lugar alternativo para o que a gente vive, como uma coisa platônica, como se isso aqui fosse uma porcaria. Enfim, você poderia ter um certo domínio, mas não é verdade, porque tudo que sai da gente é imperfeito, pode dar errado.

RL: Eu fiz essa pergunta porque, pelo menos é o que percebo em *Santa Clara Poltergeist*, a tecnologia central não é o ciberespaço, como no cyberpunk "original", mas justamente a televisão. Todo aquele imaginário midático, imagens de televisões que entram na cabeça através da falha magnética. Eu acho interessante esse contraste. Eu penso talvez que a escolha da televisão se deve por ela ser algo mais ligado à realidade brasileira.

FF: É, mas eu acho que tem duas coisas ali. O negócio que falei de uma outra realidade. Isso é um comentário que eu vi num artigo biológico, paleontológico, de uma certa era onde houve uma explosão de espécies, enfim, um *boom* de mutações, de surgimento de vida. E aí eu achei que poderia ter um atalho disso – que, no caso, é representado pela poça pré-big-bang –, e que a gente entrando em contato com isso poderia ter alguma mutação, algum poder, etc. E eu acabei não falando quando disse que havia uma coisa abrasileirada: ali você tem Zé Arigó, quer dizer, tem uma coisa de espiritismo, aquelas mulatas arigóticas; você tem esse fato de mundos paralelos, é como se fosse uma mistura de revista *Super Interessante* com revista *Planeta*. Porque para mim é tudo bem vulgarizado. E a outra coisa, já que você falou da televisão, é o que acontece: o monitor da televisão foi substituído pelo monitor da Internet e daqui a pouco a Internet vai migrar para a famosa super-hiper-interatividade do caralho a quatro. Então continua, só que em vez de ser pelos ares, é pelo cabo, deu uma "eletronizada", mudou o negócio. Então eu sempre achei bacana essas lendas relacionadas com rádio-amador, essa outra lenda urbana que existe um resto que fica vagando pelo ar como se fosse uma coisa fantasmagórica. Isso tudo está ali, você está vendo um programa da Xuxa, mas tem um Hitler aí do lado porque foi uma transmissão que se perdeu. Então é uma imagem bacana, um negócio que funciona. Eu acho que, com a Internet, isso ganhou uma outra onda, digamos que ficou mais real, porque você sabe que tem um camarada ali com um programa, digitando. Virou um grande relicário: escatologia, putaria... como se o oceano da *web* fosse um *Godzilla*, "Webzilla". Porque 99% das pessoas procuram "besteirol". Digamos que tem o Google A e o Google B. Têm essas coisas do espiritismo, revista *Planeta*, *Super Interessante*, informações científicas, tecnológicas, etc, com essa postura de *gadgets*, de próteses, uma coisa super exterior, que está pelo ar, mas também super injetada, essa coisa dos invasores de corpos. Então, se você olhar bem, essas coisas realmente estão afastadas. O computador funciona como um grande banco de dados, com verbetes, verbetes e verbetes, os acessos, etc... mas ali o computador é um polvo, é uma visão barroca, maluca, que não tem haver com o visual que geralmente é asséptico. Essas coisas no ar, essas coisas arigóticas, tem uma sujeira que o cyberpunk, apesar de ser punk, não tem.

"TODO JETSON TEM MEDO DE SER FLINTSTONE"

RL: Por que você se afastou da ficção científica no seu último trabalho, *Copacabana lua cheia*? É por que o

futuro da ficção científica tornou-se presente?

FF: Na verdade, deve sair na *Playboy* um conto que já é um preparo para outro livro. Então eu volto mais punk e mais funk ainda. Esse conto que deve sair na *Playboy* chama-se "O espírito desencapado e a favelona do brinco de pérola radioativa" e fala justamente de uma união entre Rio e São Paulo pela Avenida Brasil, mas que acaba sendo chamada de "Favelost", em homenagem ao seriado, pois todo mudo está meio perdido. Mas eu volto para todos os temas, porque agora, justamente, eu quero retomar, depois de toda a década de 90, digamos 10 anos de afirmação, de contundência, de assimilação da vida das pessoas com esse negócio de informática, então está no ponto para dar uma esculachada. Então o que aconteceu no *Copacabana lua cheia* é que a proposta da editora era fazer um diário sobre o cotidiano carioca. *[A* Editora Papagaio *anunciou o lançamento de* Favelost *para data não-especificada]*

RL: A teórica Elizabeth Ginway afirma que a sua postura diante do universo midiático é tipicamente pós-moderna: crítica e, ao mesmo tempo, cúmplice. Ou seja, você critica o universo midiático, mas também o venera. O que você acha disso?

FF: Eu, na verdade, tenho uma implicância com o termo pós-moderno. Eu acho que a gente não saiu do moderno: você só tem crise, crise e crise do moderno, o tempo todo. Esse termo ficou tão vulgarizado – vulgarizado não, porque tudo fica vulgarizado –, mas foi tão utilizado de forma equivocada pela imprensa que virou uma coisa meio mesquinha: qualquer um que tinha um trabalho com televisão, um trabalho mais ligado com tecnologia, era chamado de moderninho, pós-moderninho, uma coisa ridícula. Mas enfim, eu entendo o que se quer dizer, o pós-moderno como o pós-tudo, um puto de um sanduíche X-Tudo, é o que mais ou menos acontece, é um apelido para excesso. Na verdade, as crises: crise do Estado, crise das pistas estéticas, tudo o que o século XX fez. Teve o Dia D e teve uma porção de Ds no século XX: da destruição, da desconstrução, do delírio... Tudo, tudo para dar uma banda na porra do moderno. Então eu acho que o humanismo, o moderno, essas coisas todas estão em crise direto. O que não é novidade para o mundo: teve período na Grécia, na Europa, outros tempos em que todo mundo achou que não era apenas troca de milênios, o apocalipse, etc. Também não é novidade, nem isso dá para escapar. Na verdade, a crítica está no distanciamento que eu tenho para falar das coisas. O James Joyce tem uma coisa muito boa sobre isso, pois o livro dele tem esse negócio de Bíblia mesmo, uma Arca de Noé de gêneros literários. Antigamente você tinha a porra de uma dimensão metafísica, ou seja, Deus, aqueles papos todos. Aí tirou e ficou aquela coisa histórica, consciência, que também tomou uma cacetada. Mas quando se tirou aquela grandiosidade metafísica, então eu tenho que dar conta dessa grandeza vulgar cotidiana. Então eu gosto de falar, e não importa se estou falando de crime ou de uma dona de casa cortando legume, eu vou narrar essas coisas como se eu estivesse cortando unha. Observando aquele negócio, eu vou fazendo... Você vai assim com aquele ritmo, é um rap gigantesco. Então, eu diria que é veneração, porque eu realmente gosto muito, sou completamente viciado em mídia, mas ao mesmo tempo é como se, vamos colocar dessa forma, como se eu tivesse aquele chip para manipular a mídia implantado, como o da alfabetização. Como todas as ações humanas passam pela mídia, está tudo bastante catalogado; para usar a gíria de futebol, a mídia marca na saída de bola a existência humana. Você pode escolher, vai lá na Internet e baixa. Então, cada música, cada filme, cada coisa, é a representação de um sentimento, é a representação de um comportamento. Puta, então isso é uma festa ininterrupta e sufocante. Parece a *Noite dos Desesperados*, ninguém pára de dançar, aquele filme da Jane Fonda. Então esse negócio da crítica é porque não tem jeito, nós já viramos fantasmas da gente.

RL: Em *Copacabana lua cheia*, você afirma que *Santa Clara Poltergeist*, *Básico Instinto* e *Copacabana lua cheia* formam uma trilogia. Além de Copacabana, o que une esses três livros?

FF: No *Básico Instinto* há uma divisão, eu diria que ali está o que une: as loiras, Copacabana, os gnósticos e o "Básico Instinto", falando do excesso, das mega-cidades, do primata urbano. Então ele é o livro do meio, mas só que o outro [*Copacabana lua cheia*] tem o freio de mão mais puxado em termos da escrita porque a intenção era outra. Então você vê que o *Santa Clara [Poltergeist]* é um *blockbuster*, o *Básico Instinto* continua com a temática – você tem o "Vanuza e Rachid", o "Valdemir e Chacininha", os dois ali representando a agonia de você estar aqui e querer outra coisa. Os gnósticos, de forma bem rasteira, representam isso, querer um mundo melhor, um sonho que as pessoas tem que ficar, de certa forma, perpassados, sem ninguém saber por quê. Tanto de uma forma política, quanto metafísica, já virou "Tela Crente", a coisa de ficar ali na televisão, aquele bando de gente louca rezando como se fosse uns retardados, virou tudo meio patologia de consumo.





DIE ART

Transitando livremente pela fronteira nebulosa que separa - ou não - gêneros como o *indie*, *synthpop* e *pós-punk*, o duo gaúcho ***MetroidE***, formado pelo casal Wagner e Celia, tem muito em comum com a veterana banda alemã ***Die Art***. Essa afinidade deu total autoridade para a banda entrevistar o vocalista H. Makarios com conhecimento de causa. Confira o bate-papo:

:\OC> O Die Art começou como uma banda punk. Como acontenceu a transição para o estilo atual da banda? As mudanças de formação ao longo dos anos influenciaram esta mudança?

:\DA> Sim, começamos como uma banda punk, sabendo três acordes e gritando mais que cantando.
Mas não queríamos nos limitar a esse ponto. A influência de outras bandas que evoluiram a partir do punk também foi forte. Então tentamos começar a fazer mais do que éramos capazes. E consguimos ir além, e buscamos nosso estilo próprio. Mudanças de formação também foram importantes, com os gostos de cada novo membro se incorporando à nossa música. E após alguns anos o Die Art tornou-se uma banda que se distingue na sonoridade e nos vocais.

:\OC> E o público acompanhou essas mudanças?

:\DA>A maior parte do público nos seguiu nessa evolução. Quando começamos a fazer música, a situação política era difícil na Alemanha Ocidental e a cena underground crescia rapidamente. A cena acabou se dividindo em uma vertente política e não-comercial verdadeiramente underground de um lado e em uma cena independente tradicional do outro. O Die Art nunca foi uma banda de luta política, queríamos seguir o nosso caminho. Houve um período no início dos anos 90 em que cometemos o erro de abusar de elementos pop do mainstream. esse foi o único período em que nosso público se afastou, mas rapidamente voltamos a nossas raízes e recuperamos a maioria desses fãs.

:\OC> Como funciona o processo de composi-

ção? E de onde vem a inspiração para as letras?

:\DA>Há três caminhos. Em um deles um membro da banda tem uma idéia e nós fazemos uma canção juntos a partir dela. No segundo, alguém produz a demo em casa e o restante da banda apenas toca a música. No último eu tenho a letra e ela inspira a música. Geralmente eu tenho primeiro a música e é ela que inspira a letra. Mas eu estou sempre escrevendo letras mesmo sem a música. Escrevo estórias e poemas. e minha inspiração vem da vida, do amor, do aprendizado. E incluo "imagens escritas" , por vezes com um toque de surrealismo.

:\OC> E como você se sente durante a finalização de uma gravação? É algo particularmente gratificante ou apenas faz parte do processo de estar em uma banda?

:\DA>Finalizar uma gravação é um momento muito gratificante. Vamos a um pub e celebramos o novo bebê! E de fato faz parte do processo de estar numa banda. Por vezes já não suporto mais ouvir minha música, e é uma grande felicidade quando acabamos a produção!

:\OC> Qual o tipo de reação que vocês esperam do seu público?

:\DA>De início esperamos que o público siga nossa evolução artística. E caso siga, esperamos que muitos compareçam aos shows. E claro, espero que se sintam como eu. Alguns vezes os fãs nos dizem isso, e sabemos que a nossa música atingiu seus corações. E não ficaremos chateados se todos comprarem o disco!

:\OC> Há planos para uma tour fora da Europa?

:\DA>No momento estamos tocando apenas na Alemanha. Com planos para a República Tcheca e Suiça, mas ainda assim, só Europa.

:\OC> Nos digam cinco bandas com as quais gostariam de dividir o palco.

:\DA>Primeiramente eu gostaria de tocar com a banda de um grande amigo, chamada Freunde der italienischen Oper, mas a banda se extinguiu há uns dois anos.
A segunda banda é a Fliehende Stürme, com a qual fizemos o primeiro show após uma parada de 6 anos. É uma banda punk dark e algumas das suas letras estão entre as melhores letras em alemão que conheço. E algo bem fora da realidade: tocar com Interpol ou Editors. É um outro patamar. E uma quinta, também bem fora da realidade, seria tocar com Wipers ou Greg Sage.

:\OC> Como vêem a cena européia e alemã? Há união entre as bandas?

:\DA>Eu acho que há várias cenas. Punk, Gothic, Metal, Guitar-Pop... talvez bandas dentro de uma cena em particular estejam unidas. Fazemos parte de algumas cenas e de outras não. As cenas se sobrepõem em suas margens. É aí o nosso lugar. É difícil dizer como as cenas funcionam, muda bastante de um país para outro. Mesmo dentro da Alemanha é diferente do ocidente para o oriente. Há várias cenas locais e regionais e muitas bandas tem problemas tocando fora de suas cidades. Por exemplo, Leipzig (a minha cidade) fica a apenas 100km de distância de Dresden. Mas é possível para uma banda famosa em Leipzig ser totalmente desconhecida em Dresden.

:\OC> O que há de bom em ser uma banda alternativa?

:\DA>É a nossa vida. Temos uma banda para tocar a música que gostamos. Sem empresários que nos digam o que fazer ou não. Colocamos nas músicas e nas letras o que sentimos. Podemos ser autênticos e nossos fãs gostam disso.

:\OC> A internet é cada vez mais importante na difusão do trabalho das bandas. Como se sentem sabendo que são ouvidos por públicos distantes, como o brasileiro?

:\DA>É realmente impressionate. E nós subestimamos isso algumas vezes. Mas é um sentimento bom, que nossa música encontre lugar em outros países, outros idiomas. A música é a linguagem.

:\OC> Deixem uma mensagem para os fãs brasileiros.

:\DA>É o mesmo que digo para os fãs na alemanha. Vivam suas vidas, carreguem o coração em suas mãos, mantenham a sensibilidade e enxerguem sob a superfície! Desfrutem da nossa música! E muito obrigado!

TOUR DE FRANCE

ROTEIRO: MAX
ARTE: EDSON F.

















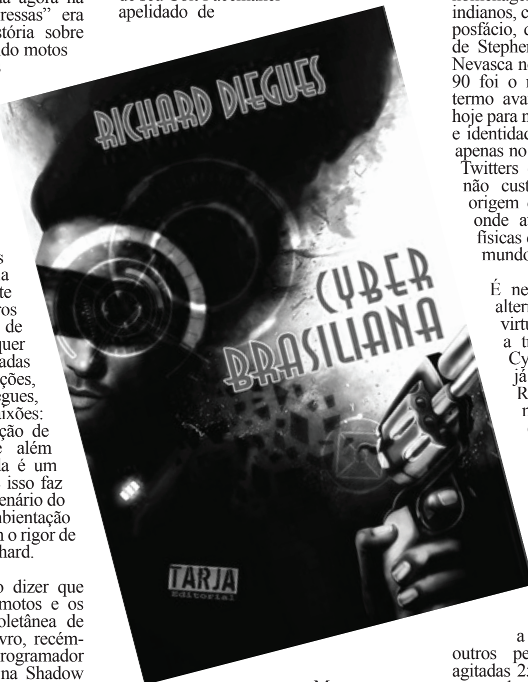

Cyber Brasiliana

Richard Diegues
Editora Tarja - 254 p.
R$ 29,25

Tomei conhecimento do universo explorado por Richard Diegues em seu romance Cyber Brasiliana primeiramente por um conto publicado em 2009, no primeiro volume da coleção paradigmas, publicado pela mesma Tarja Editorial da qual ele é sócio (e por onde saiu minha experiência com nowpunk "A teoria na prática", republicada agora na Overclock) . "MAI-NI Expressas" era o nome do conto, uma história sobre entregadores futuristas pilotando motos capazes de cruzar estradas em velocidades tão estonteantes que fariam os pegas de Kaneda e Tetsuo no mangá e no anime Akira, de Katsuhiro Otomo, parecerem tediosos passeios de lambretas. Não bastassem os motoboys em velocidade supersônica, o autor ainda os equipou com capacetes que levam seus usuários a visualizar uma realidade aumentada durante as corridas, substituindo carros e caminhões por imagens de animais, brinquedos ou quaisquer outros recursos pré-programadas em seus visores. Tais inovações, segundo o próprio Diegues, uniam várias de suas paixões: literatura, motos e programação de computadores. Sim, porque além de escritor e editor, ele ainda é um desenvolvedor de sistemas. E isso faz uma diferença e tanto para o cenário do conto e do romance, uma ambientação pós-cyberpunk construída com o rigor de quem pratica ficção científica hard.

Antes de mais nada, preciso dizer que para a minha satisfação as motos e os capacetes hi-tech daquela coletânea de 2009 ressurgiram no novo livro, recém-lançado. No capítulo 11, o programador Sa-Id consegue uma carona na Shadow Runner de Cin-D – aparentemente mais do que uma simples garçonete – e com ela cruza boa parte da América do Norte: do que sobrou do desmembrado território que hoje chamamos de Estados Unidos até o México, que, no ano em que se passa a trama, 2116, é um país sob a jurisdição da República Brasiliana. Por aí já dá para se ver que as especulações do autor ultrapassam os interesses apenas tecnológicos e alcançam a geopolítica. No caso, ele propõe uma ruptura sócio-econômica equivalente à inversão dos pólos magnéticos: o que é Norte vira Sul, o que é Sul vira Norte. A decadência dos EUA e da Europa ocorre simultaneamente a viradas de mesa do Brasil, África e Austrália, situação que me lembrou – para ficar com outro exemplo vindo dos quadrinhos cyberpunk oitentistas – uma radicalização do cenário de American Flag, de Howard Chaykin.

Mas o ponto de vista aqui não é nem o Japão de Otomo-san nem os EUA de Mr. Chaykin, já que Diegues escreve com uma perspectiva mais próxima e mais atualizada; mais conterrânea e mais contemporânea. Se bem que, pelo título, devo confessar que esperava encontrar mais Brasil em Cyber Brasiliana. Nosso país até chega a abrir o romance, com uma visão futurística e quase utópica de São Paulo e a apresentação daquele figura da capa, o desorientado Kamal, e de seu Colt Pacemaker apelidado de Mouse. Tirando essa inserção tropical, a maior parte da ação transcorre mesmo entre aqueles fragmentos dos Estados Unidos – para dar uma ideia do caos, o Silicon Valley da Califórnia foi bombardeado pelo exército do Kansas, primeiro estado da antiga União a se tornar independente – e o Hipermundo.



Hipermudo, esse é o nome da realidade virtual proposta por Richard Diegues no livro. Aqui, a semelhança é bastante grande, e até indiretamente assumida por ele, com o Metaverse criado por Neal Stephenson em 1992 no já clássico do pós-cyber Snow Crash. Digo indiretamente por esta frase do brasileiro no posfácio da obra quando ele define aquele ambiente de bits: "é algo, para exemplificar, como o que o Second Life gostaria de ser quando crescesse muito e tivesse alguma função que não o mero entretenimento e a perda de tempo". Como sabemos, foi o livro daquele escritor americano uma influência reconhecida dos desenvolvedores do SL, o que causou um verdadeiro ciclo aqui, o de algo que surgiu da ficção, foi parar na realidade e agora voltou a inspirar nova ficção. Talvez uma citação menos explícita aparece no nome dos programas principais que mantém a ordem no Hipermundo: Brahma, Vishnu e Shiva. Ao recorrer às divindades do panteão hindu, o brasileiro pode ter prestado uma dupla homenagem: tanto aos programadores indianos, como menciona naquele mesmo posfácio, quanto novamente ao romance de Stephenson, que foi traduzido como Nevasca no Brasil. Aquele livro dos anos 90 foi o responsável por popularizar o termo avatar no sentido que utilizamos hoje para nos referirmos a nossas imagens e identidades em ambientes virtuais, não apenas no Second Life, mas também nos Twitters e Facebooks da vida. Porém, não custa lembrar que a verdadeira origem da palavra também é a Índia, onde avatar designa as encarnações físicas dos deuses quando eles vêm ao mundo dos mortais.

É neste intricado cenário, sempre alternado entre a realidade e a virtualidade, que se desenvolve a trama igualmente intricada de Cyber Brasiliana. Desde o início já sabemos que há um plano de Rajaram, o homem mais rico do mundo, um potentado de Sicilli. com – união da Califórnia, Nevada, Oregon, Idaho e Washington –, para dominar o Hipermundo. Sabemos também que em seu caminho estarão os já citados Sa-Id, Cin-D e Kamal, além de Zi Lin, uma chinesa tão misteriosa quanto grávida. Porém, os detalhes são revelados aos poucos, bem como a real posição daqueles e de outros personagens no decorrer das agitadas 256 páginas do livro. E para os que realmente sacam do universo cyber, ainda há um extra na forma de um QR-Code que, ao ser corretamente lido, oferece um texto surpresa. Lembrando que para além desse texto oculto e daquele conto já mencionado, o universo de Cyber Brasiliana pode ser encontrado ainda nos contos "Baby Beef, Baby!", de Paradigmas 3, também de 2009; "Uma flor a Gambô", de Paradigmas 4; e "Longa vida: a República!", da coletânea Cyberpunk – Histórias de um futuro extraordinário, ambos os livros de 2010.

Romeu Martins

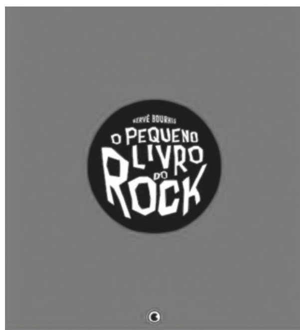


Os Dias da Peste

Fábio Fernandes
Tarja Editorial – 176 pgs.
R$ 25

A saga de Artur, um professor universitário e técnico em informática, lidando com computadores que se tornam conscientes e se rebelam já seria excitante o suficiente se escrita como um romance tradicional. Mas Fábio Fernandes, mais que contar uma boa história, conseguiu uma inovadora e consistente maneira de contá-la a partir do ponto de vista de um leitor cem anos no futuro. Em Os Dias da Peste seguimos os passos de Artur a partir de fragmentos recuperados de seu diário, seu blog e seu podcast. Mas se BBS, ICQ, Napster e DOS podem parecer grego para um usuário em 2010, todo o vocabulário (tecnológico ou não) contemporâneo deve parecer indecifrável para os leitores de 2109. Entram aqui as informativas notas de rodapé que ao tentar esclarecer os leitores do futuro temperam com humor a jornada cyberpunk de Artur.
O universo que o romance nos apresenta é complexo, elaborado e coerente e seria um desperdício não ver a corporação Wells-Kodama, as Inteligências Construídas e a resistência da Falange de Carbona evoluindo. A boa notícia é que a sequência Os Anos de Silício já desponta no horizonte e traz mais uma vez novidades narrativas, ilustrando com fotografias o que a câmera implantada nos olhos da protagonista registra.

Wandeclayt M.



O Pequeno Livro do Rock

Hervé Bourhis
Conrad – 224 pgs.
R$ 44,90

Escrito e ilustrado pelo cartunista francês Hervé Bourhis, apesar do nome aparentemente restritivo, o que "O Pequeno Livro do Rock" tem de pequeno é só o formato mesmo, pois o conteúdo é bem abrangente, tanto em termos de linha temporal quanto estilos. O livro retrata o histórico do Rock 'n' Roll e da indústria fonográfica desde as origens mais remotas até os dias de hoje. A data de nascimento do rock como estilo musical é incerta e discutível de acordo com o próprio livro - há algumas estipulações, mas nada consensual .

O importante é que além de informação, o livro é uma ótima fonte de diversão e consulta para qualquer hora, em formato HQ, com ilustrações feitas pelo próprio autor desde as bandas até posters e capas de discos. Além do tema central, são abordados outros estilos (da bossa nova ao industrial) e assuntos pertinentes ao cenário de cada época (abordado ano a ano), como a invenção da guitarra elétrica, surgimento das jukebox, etc. De brinde ainda temos as "pop battles" - nome pomposo para comparações entre astros - que comparam os artistas de nichos semelhantes de cada época, por exemplo: Bowie VS Lou Reed, Prince VS Michael Jackson, tudo isso repleto de fatos e ilustrações apresentados em páginas dos anos em que ocorreram.

Dentre as peculiaridades que me interessaram e serviram de inspiração, estão a lista de álbuns de krautrock (72) e o conceito de "NÖVÖ", mais um desses nomes malucos para música eletrônica da época (78) que não pegaram realmente.

"5 discos de krautrock"

* *Can - Ege Bamyasi*
* *Neu! - Neu!*
* *Faust - Faust So Far*
* *Ash Ra Tempel - Schwingungen*
* *Amon Düül II - Wolf City*

"5 EPs de NÖVÖ"

* *Amanda Lear - Follow me*
* *Kraftwerk - We are the robots*
* *Telex - Moskow Diskow*
* *The Normal - T.V.O.D.*
* *Throbbing Gristle - United*

Minha única queixa, deixaram *Killing Joke* de fora!

Renato Z.
thecactusman.blogspot.com.

O JARDIM MAGNÉTICO

Richard Kadrey
(Tradução de Fábio Fernandes)

Cada pensamento, ideia, e fragmento de dado cria um eco de informação. Quando essa informação é esquecida, seu eco permanece para sempre no Jardim Magnético. O que o Paraíso é para os humanos, o Jardim Magnético é para a informação.

Embora a informação frequentemente não tenha forma na mente daquele que a pensa, pensamentos e outros "fantasmas de dados "possuem forma e dimensão no Jardim Magnético. Dados puros – a raiz quadrada de pi, o número de blocos de pedra da Grande Pirâmide, os números de telefones de namorados, a compressão adequada do motor de um conversível Impala Super Sport 1965, a fórmula do Fogo Grego – assumem a forma de livros ou tiras de papel velino branco que sopram pelo Jardim como cerejeiras em Tóquio.

Os pensamentos dos loucos e dos drogados são arbustos cheios de espinhos, que se embaraçam e desembaraçam sem parar, como anêmonas farpadas. Algumas ideias loucas são bestas, quimeras, animais montados com partes de outros animais. Como a manticora. Ela tem cabeça de homem, corpo de leão, asas de dragão e cauda de escorpião. Manticoras e esfinges espreitam nos arbustos espinhentos e dão o bote em cima de pensamentos que passam, fazendo-os em pedaços. Naturalmente, as formas de dados se reconstituem num instante e seguem em frente, deixando as quimeras loucas ainda mais loucas.

O Jardim Magnético está cheio de esculturas. Estas são os fantasmas de dados de cada obra de arte que já foi completada ou sonhada. Isto inclui romances, poesia, música e dança. Todas elas se tornaram esculturas no Jardim. Romances, na forma de uma personagem ou objeto simbólico, lêem a si mesmos para qualquer um que pare para ouvir. Esculturas de canções cantam constantemente a música que elas incorporam. Algumas das esculturas se parecem com as obras que representam. Outras são versões idealizadas que o artista jamais conseguiu imaginar de verdade. Obras inumanamente complexas e sutis, estes são os verdadeiros fantasmas do Jardim Magnético, já que nunca tiveram mesmo forma alguma e só existiam como espectros.

A arte que fracassou costuma aparecer como esculturas cinéticas, obras retorcidas em constante mutação, tentando endireitar suas formas. Algumas das obras de arte fracassadas jamais chegam tão longe. Essas ideias de arte abandonadas se juntam às obras perdidas e arquivos gráficos corrompidos na forma daqueles arbustos que sopram preguiçoso de um lado para o outro do Jardim, só que de vidro.

Memórias de sexo, sonhos acordados e fantasias deamor e desejo são os residentes mais inquietos do Jardim. Essas ideias andam em bando, e imensas migrações atravessam o Jardim, acompanhando as fases da lua. Os dados de sexo são disformes e rosados, quentes e ligeiramente pegajosos, como algodão-doce vivo. Os doces têm cheiro de baunilha e ronronam feito gatos. Algumas das formas cor-de-rosa são macias, mas outras têm dentes. É impossível dizer qual é qual só de olhar. Você precisa se arriscar e tocá-las para saber com certeza.

Cada ideia furiosa e detestável acaba um dia aparecendo no Jardim Magnético. Essas informações sombrias assumem a forma do que parece ser gigantescas aranhas, mas olhe de novo. As "aranhas" são os ecos de corpos retorcidos sobre si mesmos, mãos e pés no chão e estômagos distendidos para o céu. Estas são imagens dos corpos dos assassinos, dos invejosos e daqueles consumidos pelo ódio. Esses dados negros se arrastam, corpos contorcidos, cabeças viradas para cima e cobertas por dezenas de olhos, sempre vigilantes. Sempre que esses corpos violentos se encontram, a coisa normalmente termina em combate. Algumas das aranhas já lutam há tanto tempo que acabaram se fundindo numa única criatura, um imenso e disforme monte de membros, olhos e bocas que gritam sem parar. Esta criatura aleijada abre caminho pelo Jardim rastejando com braços e pernas enquanto os demais membros tentam espancar o próprio corpo até a morte.

Existem rios e lagos no Jardim Magnético. É lá que as novas informações aparecem. Zumbindo sobre a água, como enxames de mosquitos, pairam perguntas não respondidas e instantaneous de memórias □ o vestido vermelho daquela mulher no ônibus, Quantos gramas têm uma onça?, o cheiro de grilos fritando nas barraquinhos do mercado de Taipei durante o Mês dos Fantasmas.

Existem tempestades-monções de ruído e estática tão fortes e afiadas que cegam o sistema de informações. Quando as tempestades passam, as formas de dados mais frágeis precisam se reconstituir. Ocasionalmente, o dano é tão grande que o concerto é impossível, e um conjunto completo de dados fica corrompido para sempre.

É aqui que captamos um vislumbre do Jardim Magnético. Fantasmas de dados danificados e instáveis podem sair vagando do Jardim e infestar nossos sistemas, assombrando nossas comunicações. Você pode ouvir os fantasmas sussurrando em linhas telefônicas com ruído e no gemido de modems, poltergeists de dados. Eles travam computadores e distorcem celulares. Eles secam canetas e desafinam pianos. Eles distorcem e desvirtuam todas as nossas tentativas de uma criação e uma comunicação perfeitas. Os fantasmas estão aqui nesta história. Agora que você a leu, as sombras do Jardim Magnético também acharam você.

OVERCLOCKZINE.BLOGSPOT.COM

:\Overclock> ano 6 número 5 [ago.2010]

:\Cartas_Bomba> BunkerMedia CP 679, Santa Maria-RS-Brazil 97001-970
:\Email_Webzine> overclockzine@gmail.com • http://overclockzine.blogspot.com
:\Edição> Wandeclayt M • Rodolfo Londero
:\Diagramação_Arte> Wandeclayt M.
:\Capa> Foto/Arte: Wandeclayt M.
:\Contribuíram_nesta_edição> Romeu Martins • Fábio Fernandes • Richard Kadrey • Renato Z • Jack Holmer • Alexandre Mandarino • MetroidE (Wagner e Celia) • Adriana Amaral • Dionea Sig Sauer
:\Thankx> Fiberonline • Rejekto • Cineclube Lanterninha Aurelio • BioDiverCidade • Wave Propaganda

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não traduzindo, necessariamente, a opinião dos editores.
Você pode copiar, distribuir e exibir livremente este zine para fins não comerciais e preservando a integridade de seu conteúdo. Demais usos do material aqui publicado necessitam de permissão expressa dos respectivos autores.
Um link para uma versão eletrônica deste zine, bem como para edições anteriores, em formato PDF, prontas para impressão, está disponível em www.overclockzine.blogspot.com.

Nenhuma forma de vida baseada em carbono, seja ela animal, humana ou replicante - concebida naturalmente ou por meio de engenharia genética - foi morta, ferida ou submetida a maus tratos no processo de concepção, edição ou publicação deste zine.

photo: wandeclayt m. | www.bunkermedia.com.br